



Navio de Imigrantes, Lasar Segal. Caderno "Visões da Guerra". 1939-1943.

Estéticas literárias em transição

Antônio Iago Sousa Silva | Camilla Silva Callou | Rodrigo Nóbrega Martins

O pré-modernismo foi um dos mais expressivos movimentos culturais brasileiros. Sua principal característica, além de marcar a transição entre o simbolismo e o movimento modernista, é de ser uma transição entre modelos e padrões estéticos do século XIX (com forte influência europeia) e o século XX, no qual se buscou padrões de criação estritamente nacionais. O termo parece ter sido criado por Tristão de Athayde, para designar os "escritores contemporâneos do neo-parnasianismo, e suas atividades criativas entre 1910 e 1920".

Desta maneira, os pré-modernistas buscavam, em seus processos criativos e suas obras, uma literatura valorizasse o Brasil e suas riquezas. Terão destaque, desta maneira, as paisagens rurais do Brasil, nas quais o sertanejo é valorizado e domina a paisagem geral.



Operários, Tarsila do Amaral, 1933. 150x205cm. Óleo sobre tela.

Tarsila do Amaral, pintora, desenhista e tradutora brasileira é considerada uma das principais artistas modernistas latino-americanas, além de ser tida como quem melhor alcançou as aspirações brasileiras de expressão nacionalista nesse estilo artístico.

Caracteriza-se o pré-modernismo por certa ambiguidade. Deve-se, sobre isto, entender que se trata de um período de transição. Muitos estudiosos nem consideram esta manifestação cultural como estilo ou escola literária, dado à forte individualidade das obras, o que não permite agrupá-las senão em dois grandes grupos: (1) conservadorismo: traziam na sua estética os valores naturalistas e simbolistas; (2) renovação: demonstravam íntima relação com a realidade brasileira e as tensões vividas pela sociedade do período. Contudo, mesmo os 'renovadores', apesar de iniciarem um rompimento com a temática dos períodos anteriores, não avançaram o bastante para serem considerados modernos.

No ambiente literário estão ativos autores parnasianos, como Olavo Bilac, Raimundo Correia e Francisca Júlia da Silva; neo-parnasianos como Martins Fontes e Goulart de Andrade. Simbolistas como Emiliano Pernetta e Pereira da Silva, convivem com escritores pré-modernistas: Graça Aranha, Lima Barreto e Euclides da Cunha, estudados a seguir.

Outras manifestações artísticas também se destacam nesse período. Na música assistiu, tem-se a primeira gravação feita no país por Xisto Bahia. Há uma penetração nas camadas mais elevadas de manifestações até então restritos às camadas mais populares – ritmos como o maxixe, a toada, a modinha e o samba.

Cresce o carnaval do Rio de Janeiro e ganham sucesso compositores como Chiquinha Gonzaga. Na música erudita, o nome representativo foi o de Alberto Nepomuceno, com composições nacionalistas. Na pintura, através da Escola Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, vigora o academicismo, passando despercebida a exposição feita em 1913 pelo lituano Lasar Segall. Apenas em 1917 uma forte reação à exposição de Anita Malfatti expõe o confronto que resultaria na Semana de Arte Moderna de 1922. Ganham destaque os periódicos O Malho, O Tico tico e a revista Fon-Fon, ambas da primeira década do século XX, que, por apresentarem uma linguagem mais objetiva e cotidiana, fortaleciam as estéticas de vanguarda, que pretendiam romper com os modelos clássicos, tal como buscavam os pré-modernistas.

Xisto de Paula Bahia foi um ator, cantor e compositor brasileiro, que ficou conhecido como compositor da primeira música gravada no Brasil: o lundu "Isto é bom". Lundu é um tipo de composição de origem africana introduzida no Brasil desde o século XVI. Xisto nasceu em 1841 e faleceu em 1894.



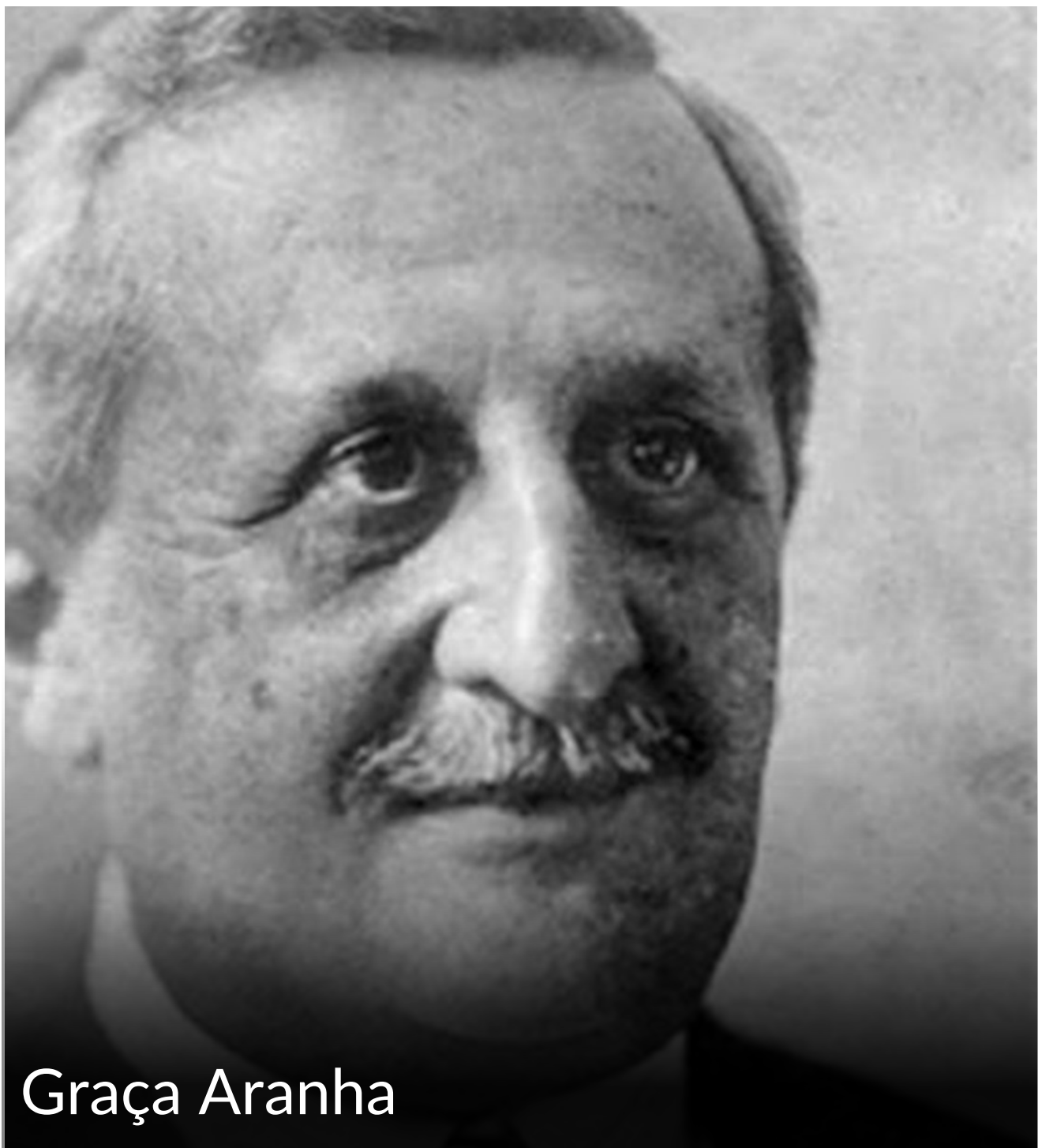
Revistas e periódicos

O Malho foi uma revista ilustrada, que tinha como principal característica a sátira política e o humor. Surgiu no Rio de Janeiro no ano de 1902, e circulou por mais de cinquenta anos, com uma breve pausa no ano de 1930, devido à Revolução de 1930. A revista O Malho era publicada semanalmente, e começou a ganhar notoriedade devido as charges e caricaturas famosas que tinham como objetivo ironizar a política do país. A revista surgiu sob a direção artística do artista pernambucano Crispim Do Amaral, e direção geral do jornalista e político Luís Bartolomeu de Souza e Silva, que era também proprietário do periódico A Tribuna (RJ).

O Tico-Tico foi uma publicação infantil brasileira que circulou de 1905 a 1977. Foi a primeira a publicar histórias em quadrinhos no país. A revista O Tico Tico foi lançada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva. Sua primeira edição saiu no dia 11 de outubro de 1905, uma quarta-feira e não em uma quinta como dizia a capa.

Fon-Fon foi uma revista brasileira fundada no Rio de Janeiro, que circulou entre 13 de abril de 1907 e setembro de 1958. A revista Fon-Fon foi concebida por Jorge Schmidt. Tendo como um de seus idealizadores o célebre escritor e crítico de arte Gonzaga Duque, tinha no enfoque dado a ilustração uma de suas principais características. A revista, inclusive, tornou célebres ilustradores como Nair de Tefé, J. Carlos, Raul Pederneiras e K. Lixto e contou, inclusive, com a colaboração do pintor Di Cavalcanti em 1914.



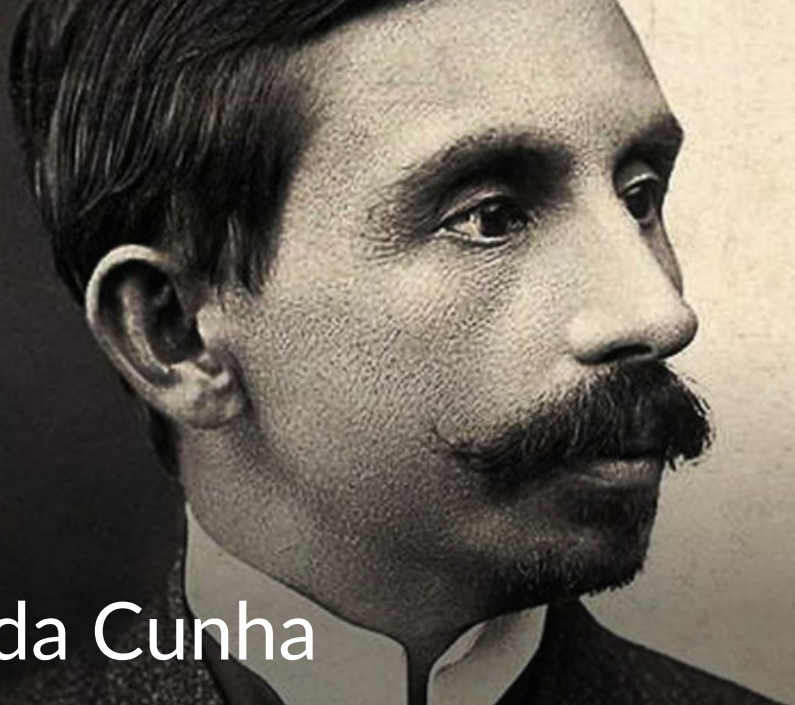


Graça Aranha

José Pereira da Graça Aranha foi um escritor e diplomata brasileiro, imortal da Academia Brasileira de Letras, considerado pré-modernista no Brasil, sendo um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922. Devido aos cargos que ocupou na diplomacia brasileira em países da Europa, esteve a par dos movimentos vanguardistas, tendo tentado introduzi-los, à sua maneira, na literatura brasileira, rompendo com a Academia Brasileira de Letras por isso em 1924.

Nascido em uma família abastada, Graça Aranha graduou-se em direito pela Faculdade do Recife e exerceu cargos na magistratura e na carreira diplomática. Como diplomata, serviu em Londres, com Joaquim Nabuco, e foi ministro na Noruega, Holanda e na França, onde se aposentou.

Assumiu o cargo de juiz de direito no Rio de Janeiro, ocupando depois a mesma função em Porto do Cachoeiro (hoje Santa Leopoldina), no Espírito Santo. Nesse município buscou elementos necessários para criar sua obra mais importante, *Canaã*, um marco do pré-modernismo, publicada em 1902, junto com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.



Euclides da Cunha

Euclides Rodrigues da Cunha foi um engenheiro, militar, físico, naturalista, jornalista, geólogo, geógrafo, botânico, zoólogo, hidrógrafo, historiador, sociólogo, professor, filósofo, poeta, romancista, ensaísta e escritor brasileiro.

Filho de Manuel Rodrigues da Cunha Pimenta e Eudóxia Alves Moreira da Cunha, Euclides tornou-se órfão de mãe desde os 3 anos, passa a viver em casas de parentes em Teresópolis, São Fidélis e Rio de Janeiro. Em 1883 ingressa no Colégio Aquino, onde foi aluno de Benjamin Constant, que muito influenciou a sua formação introduzindo-lhe à filosofia positivista.

Em 1885, ingressa na Escola Politécnica, e no ano seguinte, na Escola Militar da Praia Vermelha.

Contagiado pelo ardor republicano dos cadetes e de Benjamin Constant, professor da Escola Militar, durante uma revista às tropas atirou sua espada aos pés do ministro da Guerra, Tomás Coelho. A liderança da Escola tentou atribuir o ato à "fadiga por excesso de estudo", mas Euclides negou-se a aceitar esse veredito e reiterou suas convicções republicanas. Por esse ato de rebeldia, foi julgado pelo Conselho de Disciplina.

Em 1888, desligou-se do Exército. Participou ativamente da propaganda republicana no jornal A Província de S. Paulo.

Proclamada a República, foi reintegrado ao Exército recebendo promoção. Ingressou na Escola Superior de Guerra e conseguiu tornar-se primeiro-tenente e bacharel em Matemáticas, Ciências físicas e naturais.

Casou-se com Ana Emília Ribeiro, filha do major Sólton Ribeiro, um dos líderes da proclamação da República. Em 1891, deixou a Escola de Guerra e foi designado coadjuvante de ensino na Escola Militar. Em 1893, participou na construção da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Durante a fase inicial da Guerra de Canudos, em 1897, Euclides escreveu dois artigos intitulados "A nossa Vendeia" que lhe valeram um convite d'O Estado de S. Paulo para presenciar o final do conflito como correspondente de guerra. Isso porque ele considerava, como muitos republicanos à época, que o movimento de Antônio Conselheiro tinha a pretensão de restaurar a monarquia.

Em Canudos, Euclides adota um jaguncinho chamado Ludgero, a quem se refere em sua caderneta de campo. Fraco e doente, o menino é levado para São Paulo, onde Euclides entrega-o a seu amigo, o educador Gabriel Prestes. O menino é rebatizado de Ludgero Prestes. Os acontecimentos de Canudos levam Euclides a escrever o célebre "Os Sertões".



A tragédia da Piedade

Euclides deixou Canudos dias antes do fim da guerra. Mas conseguiu reunir material para elaborar *Os Sertões: campanha de Canudos* (1902). O livro foi escrito "nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante", já que Euclides se encontrava em São José do Rio Pardo liderando a construção de uma ponte metálica. Na obra, ele rompe por completo com suas ideias anteriores, segundo as quais o movimento de Canudos seria comandado por monarquistas. Percebe que se trata de uma sociedade completamente diferente. De certa forma, descobre o verdadeiro interior do Brasil, muito diferente da representação usual que dele se tinha.

Tornou-se internacionalmente famoso com a publicação desta obra que lhe valeu vaga para a ABL (Academia Brasileira de Letras). O livro compõe-se em três partes: a terra, o homem e a luta. Nelas Euclides analisa, respectivamente, as características geológicas, botânicas, zoológicas e hidrográficas da região, a vida, os costumes e a religiosidade sertaneja e, enfim, narra os fatos ocorridos nas quatro expedições enviadas ao arrayal liderado por Antônio Conselheiro.

Em agosto de 1904, foi nomeado chefe da comissão mista brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purus, com o objetivo de cooperar para a demarcação de limites entre o Brasil e o Peru.

Neste interregno, sua esposa, Anna Emília Ribeiro (34), torna-se amante de um jovem tenente 17 anos mais novo do que ela: Dilermando de Assis. Ainda casada com Euclides, Anna teve dois filhos de Dilermando. Um deles morreu ainda bebê. O outro filho era chamado por Euclides de "a espiga de milho no meio do cafezal", por ser o único louro numa família de morenos.

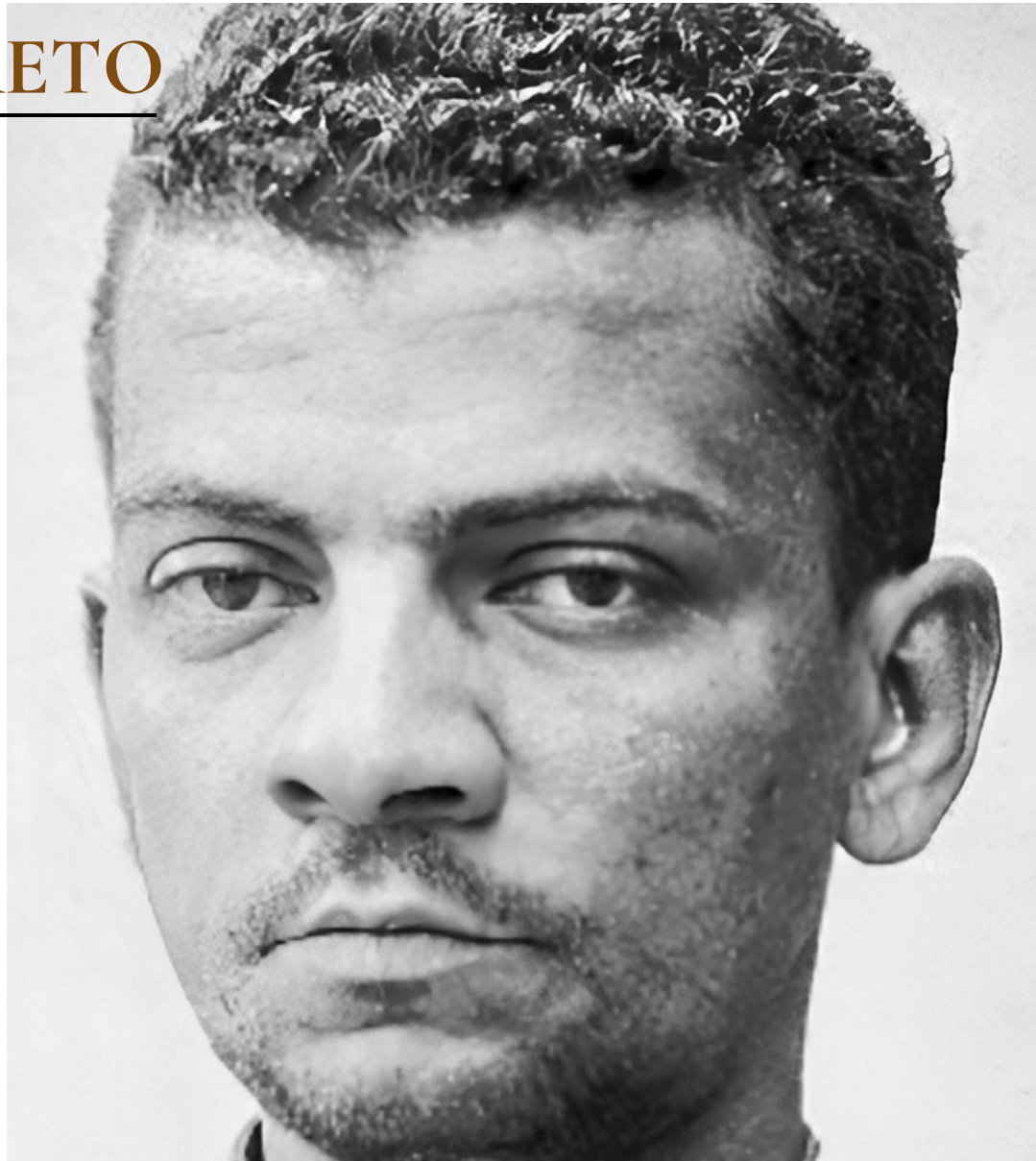
A traição de Anna desencadeou uma tragédia em 1909. Após esperar a noite inteira por sua mulher, que dormia com Dilermando, Euclides decide lavar a honra com sangue. Com um revólver emprestado, foi até a casa de Dilermando de Assis. Chegou esbravejando e foi ao quarto, onde encontrou o jovem capitão. Disparou três tiros contra ele. Outro tiro atingiu o irmão de Dilermando, Dinorah. Dilermando, que já tinha sido campeão de tiro na Escola Militar, alcançou seu revólver e conseguiu revidar, matando Euclides. Dilermando foi absolvido pela justiça militar. Entretanto, até hoje o episódio permanece em discussão. Dilermando mais tarde casou-se com Anna. O casamento durou 15 anos. Um dos filhos de Euclides, Quidinho (Euclides da Cunha Filho), anos depois quis vingar a morte do pai. Encontrando Dilermando no fórum, Quidinho ainda o alveja com quatro disparos. Como da vez anterior, Dilermando consegue sacar a arma e mata o filho de Euclides com Anna. Dilermando e Anna (que ficou conhecida como Anna de Assis) continuam juntos, até que ele a abandona. O triângulo Euclides-Anna-Dilermando polemizou a opinião pública durante muitos anos.

LIMA BARRETO

Afonso Henriques de Lima Barreto, conhecido como Lima Barreto, nascido no Rio de Janeiro em 13 de maio de 1881, foi jornalista e escritor brasileiro.

Negro nascido de escravos, aprendeu tipografia no Imperial Instituto Artístico, que imprimia o periódico "A Semana Ilustrada". Sua mãe, educada com esmero, era professora de 1ª à 4ª séries. Ela faleceu quando Lima Barreto tinha 6 anos, tendo, seu pai, que trabalhar muito para sustentar os quatro filhos do casal.

João Henriques, pai do escritor, era monarquista, ligado ao visconde de Ouro Preto, padrinho do futuro escritor. As lembranças saudosistas do fim do período imperial no Brasil, bem como as reminiscências da Abolição da Escravatura na infância vieram a exercer influência sobre a visão crítica de Lima Barreto sobre o regime republicano. Em sua obra, de temática social, privilegiou os pobres, os boêmios e os arruinados.



Lima Barreto esteve várias vezes internado em hospícios, de onde saía sempre mais enfraquecido.

Foi severamente criticado por escritores contemporâneos por seu estilo despojado e coloquial, que acabou influenciando os escritores modernistas, fiel ao modelo do romance realista e naturalista resgatando as tradições cômicas, carnavalescas e picarescas. Dentre suas principais obras estão: O Triste Fim de Policarpo Quaresma; Recordações do Escrivão Isaías Caminha; Numa e Ninfa; O Bruzundangas; Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá.

Esteve várias vezes internado em hospícios, de onde saía sempre mais enfraquecido. Com a saúde cada vez mais debilitada, Lima Barreto faleceu de um colapso cardíaco no dia 1º de novembro de 1922, aos 41 anos, em sua casa, no bairro de Todos os Santos, no Rio de Janeiro. Seu pai faleceu dois dias depois. Seus restos mortais, bem como os de seu pai estão no cemitério de São João Batista.



REVISTA JUNO

ENSINO FUNDAMENTAL | JUAZEIRO DO NORTE

NÓS ACREDITAMOS NA FORÇA DE UMA EDUCAÇÃO
PÚBLICA DE QUALIDADE.